

REFLEXÕES SOBRE TEXTOS DE BYUNG-CHUL HAN

COMMENTS ON BYUNG-CHUL HAN'S TEXTS

Luiz Menna-Barreto¹

RESUMO

Neste texto exponho minhas leituras de dois textos do autor sul-coreano radicado na Alemanha onde atua na área de Estudos Culturais da Universidade de Berlim. Abordo inicialmente o que entendo como núcleo central do pensamento do autor no livro “A Sociedade do Cansaço”, ao identificar nos indivíduos o processo de incorporação dos sentimentos de culpa por não atingirem as expectativas impostas pelo capitalismo globalizado vigente. Desse processo resulta a sensação de cansaço e a conseqüente escalada de transtornos mentais dos quais a depressão é a mais presente. Na seqüência comento o livro do mesmo autor, “*The Scent of Time*” (edição em português, “O Aroma do Tempo” pela Ed. Relógio D’água, 2016). Na introdução, o autor nos convida a refletir sobre a olfação e sua temporalidade difusa. A seguir aborda o processo que identifica como fragmentação do tempo, em oposição a leituras nas quais o processo essencial seria o da aceleração. Dessa fragmentação emergem dessincronizações, que aparecem como desaparecimento da tensão dialética que confere sentido ao tempo. O tédio e a depressão emergem da relação superficial e do consumo frenético que acabam impedindo reflexões mais profundas e geram a noção de que tudo é possível. Por fim, Byung dialoga com Proust e seu “tempo perdido” notadamente a perda da sensação de duração, sempre carregada de significados. Byung

¹ Doutorado na área de Neurociências pelo ICB/USP. Professor Titular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. *E-mail*: menna@usp.br

conclui questionando a suposta “validade duradoura” contida no “Ser e o Tempo” de Heidegger.

Palavras-chave: Byung-Chul Han. Sociedade do Cansaço. Aroma do Tempo. Fragmentação do Tempo. Dessincronização.

ABSTRACT

In this text I intend to share my readings of two texts by Byung-Chul Han, South Korean author presently living in Germany, dedicated to Cultural Studies at the Berlin University. I start considering what I understand as the central point in the author’s propositions in the book “The Burnout Society”, the process of incorporation of guilt for not attaining the expectations imposed by globalized capitalism. This process generates the burnout syndrome and mental suffering, of which depression is the forerunner. Then I comment the book from the same author, “The Scent of Time”. In the introduction the author invites us to consider the sensation of olfaction and its diffuse temporality. He proceeds identifying the fragmentation of time, in opposition to authors who identify acceleration as the central process of our time. From the fragmentation of time emerge desynchronizations, expressions of the disappearance of the dialectic tension which confers significance to time. Boredom and depression come from the superficiality and the frenetic impulse to consume, anything becomes possible. At last, Byung discusses with Proust and his “search of lost time”, the loss of the sensation of duration, Always charged with meanings. Byung concludes with a critique of the so-called eternal validity contained in Heidegger’s “Being and Time”.

Keywords: Byung-Chul Han. Tiredness Society. Time scent. Fragmentation of Time. Desynchronization.

1 APRESENTAÇÃO

Divido esse pequeno texto em dois momentos: comentarei o livro “A Sociedade do Cansaço”, publicado em alemão em 2010, traduzido para o inglês em 2015 e publicado em português pela Editora Vozes em 2017. Num segundo momento, comentarei o outro livro de Byung, “*The Scent of Time*”, publicado originalmente em alemão em 2009.

2 COMENTÁRIO

Byung nos convida para um diagnóstico crítico do momento atual, com ênfase no processo de transição entre a sociedade da vigilância no qual os sujeitos eram vítimas de opressões, para a sociedade atual na qual os sujeitos passaram a incorporar valores e construir a sensação de estarem sempre devendo algo. Mas a cobrança é dos próprios sujeitos, o sucesso do capitalismo globalizado estaria apoiado nessa incorporação de valores. O poder está relativamente despersonalizado num mercado (sobretudo no mercado financeiro) e o “sistema” é sempre o alvo das queixas. Impotência e depressão são assim construídas e reforçadas. O capítulo inicial da “Sociedade do Cansaço” é intitulado “Violência Neuronal” no qual o autor identifica distúrbios prevalentes na atualidade, como depressão, hiperatividade, déficit de atenção, distúrbio de personalidade limítrofe e “burnout”. Byung associa esse sofrimento à sociedade do consumo incessante na qual as informações se sucedem vertiginosamente sem permitir reflexões mais demoradas e profundas, como ocorre atualmente com o sucesso das *fake news* como estratégia de marketing descomprometida com a veracidade dos conteúdos e dirigida por outros interesses.

Minha leitura do livro “O Aroma do Tempo” começa com uma reflexão sobre o título, que contém uma incursão fisiológica que me é muito cara: a singularidade da olfação, principalmente quando comparada à visão. Sensibilidade persistente, os aromas não têm os limites precisos das imagens, além de nos convidarem a viagens no tempo, por exemplo, ao representarem voltas à infância, precipitados pela memória dos cheiros e sabores da infância. Nos primeiros capítulos Byung defende a tese segundo a qual vivemos uma época que se caracteriza pela fragmentação/destruição do tempo, criticando autores que apontam para o fenômeno da aceleração como sendo a característica central (essencial) da atualidade. Byung argumenta que não sabemos mais morrer, pois nossas trajetórias perderam a linearidade que lhes conferia

sentido. Não sabemos mais morrer e dar uma tarefa ou missão por concluída, sempre há urgências nos aguardando, várias delas em nome de um pretendido aumento da produtividade. Não conseguimos conceber hierarquias nos nossos comportamentos, justamente em função da perda da historicidade. Byung aponta que no centro do cenário atual há uma dessincronização gerada pela multiplicidade de compromissos. Apreciei o comentário do autor sobre a dialética: quando o tempo passa a ocorrer como sequência de presenças pontuais, a tensão dialética tende a desaparecer. Byung diz que a dialética é um processo temporal intensivo, é um “não ainda” sobre um “já acontecido”. A fragmentação do tempo propiciaria esse desaparecimento da tensão dialética.

Nos primeiros capítulos, Byung concentra seu fogo crítico em autores como Baudrillard, segundo quem a aceleração seria a responsável pelo fim da história, pela destruição do sentido que nos ameaça. Byung aponta limites para a aceleração (corpos se afastariam de suas órbitas), dizendo tanto a aceleração como a desaceleração contribuem para as dessincronizações atuais. Portanto a aceleração se constituiria no máximo em uma manifestação superficial, ao passo que a fragmentação do tempo seria a causa essencial. Assim, o progresso tecnológico é sutilmente acompanhado por uma narrativa quase-religiosa na promessa de uma salvação futura (progresso). As ferrovias seriam lidas assim como máquinas do tempo que abreviariam (acelerariam) a passagem do presente rumo ao futuro. No Capítulo 4, Byung amplifica a crítica à ideia de aceleração como característica essencial dos nossos tempos atuais. Segundo ele, não há ritmos sociais estáveis que aliviarão a carga na economia temporal dos indivíduos, a pluralidade das sequências irritaria os indivíduos, caracterizando assim uma perda de orientação e não um aumento da liberdade. Aí ele cita uma passagem do Hartmut Rosa (*“Acceleration: a new theory of modernity”*) “o aumento da velocidade é a real força motriz da história moderna”. Byung prossegue sua crítica agora envolvendo os conceitos da pós-modernidade (pós-história e pós-política) a partir do pressuposto da aceleração crescente. Para Byung, o que estamos vivenciando atualmente é uma destruição ou fragmentação do tempo. A hipótese da aceleração exigiria uma direção (tensão narrativa) nos eventos, e é justamente isso o que não se mantém mais. Somos estimulados a começar de novo, a escolher uma nova versão de alguma coisa e daí viria a falsa impressão de aceleração. Para Byung, o que enfrentamos hoje é a ausência de qualquer experiência de duração. No final do capítulo, o autor aponta uma encruzilhada, ou o homem retoma sua caminhada ou descobre a leveza do flutuar à vontade sobre o mundo, descobrindo o aroma do tempo flutuante (*“the scent of hovering time”*).

No capítulo seguinte, o quinto, que tem como título “O Paradoxo do Presente”, Byung explora a diferença entre o caminhar de um peregrino com o de um turista. O primeiro tem uma meta e um rumo definidos, e o agora é uma transição do **aqui** para o **ali**. Já os caminhos do turista são improvisados, tudo é **aqui e agora** e os eventos do presente perdem o significado de transições. São citados em seguida os avanços tecnológicos (internet, no caso) que destroem distâncias e temporalidades, incluindo o tempo no qual ocorrem os esquecimentos. Assim, a vida fica empobrecida quando dela são removidos os intervalos, tudo passa a ser imediatamente acessível. O espaço da internet é um “espaço sem direção”, tudo é igualmente possível, não há mais finalidade, o caminhar é substituído pelo surfar (*browsing*). O contemplar prolongado tende a produzir tédio e as noções de verdade, conhecimento, hoje soam arcaicas. As verdades são duradouras, articulam passado, presente e futuro. O paradoxo do presente é que ele não é esvaziado, pelo contrário, ele é constantemente e simultaneamente ocupado por muitas coisas. A consequência é uma sucessão de imagens, eventos e informações, o que torna impossível a contemplação prolongada. *“Thus, one zaps through the world”*.

O Capítulo 6, “O Cristal fragrante do tempo” é dedicado em grande parte ao Proust e seu “Em memória do tempo perdido”, que Byung leu como uma forma de protesto com a “idade da pressa” que se anunciava. Proust tenta resgatar o tempo nas artes, ameaçado de desintegração. Aqui há uma apresentação da olfação como o sentido da memória e do despertar, inspirada no relato de Proust sobre o aroma e o sabor de uma madeleine (torta) dissolvida num chá. O que perdura é a sensação do sabor e do aroma como dominantes num processo de memória involuntária. A idade da pressa é uma idade sem aromas, **o aroma do tempo** é uma manifestação da duração. Na parte final do capítulo, Byung faz uma defesa do uso de metáforas, que criariam uma rede de relações, contrapondo-se à atomização do ser. Há ainda uma crítica à vertigem do cinema, que não contemplaria a temporalidade da beleza.

No Capítulo 7, Byung dialoga com Lyotard, que argumenta que a sensação do tempo não é a consciência do tempo, pois a formação da consciência é um processo lento, e a sensação do tempo ocorre antes. As sensações primárias despertariam a alma para a vida. Aqui ofereço uma alternativa de simultaneidade entre sensações percepções, inspirada no que se sabe hoje sobre os caminhos da luz no cérebro. Sensações luminosas primárias envolveriam o caminho dos reflexos e o da sincronização dos nossos ritmos.

O Capítulo 8, como bem anuncia Byung, é uma rápida incursão na China antiga, na qual é descrito um “relógio” de incenso, usado até meados do século XIX. Até meados do século XX os europeus achavam que o objeto era um mero incensário porque a ideia de medir o tempo com um incenso era inadmissível. O instrumento era chamado de selo de fragrância, porque a parte que queimava era vedada por um selo. O contraste com relógios de água ou areia é evidente, o aroma não escoava nem pinga regularmente, ele se espalha e difunde pelo ambiente. Mesmo quando acaba de queimar as frases (agora cinzas) permanecem. A conclusão deste capítulo traz um convite para atitude contemplativa que acaba sendo a proposta de Byung.

O Capítulo 9 começa com uma analogia entre as obras de Proust e Heidegger que se encontrariam na crítica à crescente desintegração da existência humana. Contrariando Heidegger para quem o livro “O ser e o tempo” representaria uma fenomenologia da existência humana de validade duradoura, Byung afirma que a obra é sim datada no seu tempo, plena de processos históricos específicos e dependentes do tempo. Na sequência Byung comenta os novos meios de comunicação que abolem o espaço, o correio eletrônico não precisa atravessar mares e montanhas. O restante do capítulo é todo dedicado a Heidegger.

REFERÊNCIAS

- HAN, Byung-Chul. **A agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017a
- _____. **O que é poder?** Petrópolis: Vozes, 2019.
- _____. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- _____. **The Scent of Time**. Cambridge: Polity, 2019.
- _____. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017c.

